Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca

BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

A política econômica do Govêrno e os problemas vitais do país

(DISCURSO PRONUNCIADO POR OCASIÃO DO ALMÔÇO OFERECIDO PELA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DE SÃO PAULO, NO CASSINO UMUARAMA, A 21 DE DEZEMBRO DE 1943)

SUMÁRIO

A exposição industrial promovida pela Federação das Indústrias de São Paulo — Demonstração exemplar de trabalho produtivo, despertando a admiração dos brasileiros interessados no progresso da terra comum — As dificuldades enfrentadas pelo país em 50 meses de luta — Realizações obtidas graças à política econômica do Govêrno — O café depois da situação calamitosa de 1929 — Condições, providências, resultados prósperos — A eletrificação da Sorocabana — A retificação da E. F. Central do Brasil — A nacionalização do capital da Mogiana, o pôrto de São Sebastião, os serviços de saúde e assistência — Quadro da ação do Govêrno Federal em São Paulo — Os velhos empréstimos e o recente acôrdo de pagamento da dívida externa — A operação cria possibilidades para realizarmos um plano de industrialização progressiva do país, no imediato após-guerra — Preparação para uma fase de readaptação econômica — As atuais condições de progresso do país oferecerão oportunidade excelente para o emprêgo de capitais estrangeiros — Transformações do parque industrial brasileiro — O êxito dos muitos empreendimentos de São Paulo e o progresso atual do Estado — Conveniência de estreitar a cooperação entre o poder público e as classes produtoras — Contradições do negativismo demagógico — As necessidades de renovação da nossa maquinaria — A política eleitoral de conchavos e arranjos — Campanha derrotista contra a administração — A Federação das Indústrias e o operariado paulista em colaboração com o Govêrno — As oligarquias que cindiam o Brasil, ameaçando-lhe a integridade — Luta permanente pelo que é fundamental para a Pátria Brasileira: a unidade moral e a unidade econômica — "Vocação da unidade", imperativo geográfico e determinação da própria história brasileira.

SENHORES

Decorridos mais de quatro anos de guerra na Europa, Ásia e África, e dezesseis meses da nossa beligerância — justo revide aos ataques brutais que sofremos, — a mostra industrial de São Paulo, em boa hora promovida pela Federação das Indústrias, sob a presidência operosa do dr. Roberto Simonsen, constitui demonstração exemplar de trabalho produtivo e desperta a melhor admiração dos brasileiros patriotas, interessados no progresso da terra comum.

As dificuldades que vimos enfrentando, nestes cinqüenta e poucos meses de luta, foram numerosas e de vária ordem. Primeiro, nos dias distantes do fim de 1939, perdemos os mercados europeus e ficamos limitados ao intercâmbio americano e asiático. Em 1941, o conflito estendia-se ao nosso continente e a campanha submarina insulava-nos quase totalmente do comércio mundial, agravando-se a situação com a beligerância dos Estados Unidos e subseqüentes modificações das suas necessidades como importador e exportador. Mais um passo, estávamos também nós a braços com a guerra e os seus tremendos problemas. Essas circunstâncias desfavoráveis desafiavam a nossa capacidade de organizar e as possibilidades de reagir e de adaptar-nos a contingências novas.

Em perfeito congraçamento já atravessamos a pior fase da luta, vencendo os obstáculos que se nos depararam; e, honra-me dizê-lo, São Paulo e a sua laboriosa população mostraram-se modelares nessa emergência. Levantando indústrias novas, iniciando culturas agrárias de

outros continentes, concorrestes de maneira admirável para a resistência que apresentamos e para a preparação alcançada, que nos permitirá fazer face às perturbações do após-guerra.

Tudo isso é verdade meridiana. Mas também é verdade que só foi possível tal realização graças à política econômica do Govêrno. Se depois de 1930 houvéssemos persistido nos velhos processos do "laisser-faire" seguramente não teríamos atingido ao elevado nível de desenvolvimento que esta exposição testemunha.

Devo indicar em resumo o vulto dos esforços dispendidos para conseguirmos a posição privilegiada de hoje. Comecemos pelo café. É preciso não esquecer a calamitosa situação de 1929. As cotações caíram, as hipotecas venceram-se, os recursos bancários esgotaram-se e a bancarrota geral avizinhava-se de todos — produtores ou não — igualmente atingidos pela repercussão da baixa vertiginosa dos preços e paralisação das exportações. Só o Govêrno instaurado pela Revolução de 30 teve a coragem de enfrentar o problema da salvação da vossa principal e nessa época quase única fonte de riqueza. Encontrando cêrca de 15 milhões de sacas de café acumuladas em armazéns e portos, conseguimos, até 1933, retirar do mercado êsse *stock* invendável e mais as safras subseqüentes no montante de 49 milhões e meio de sacas, das quais foram incineradas, no triênio, 23 milhões e meio. Em dez anos retiramos do mercado 95 milhões de sacas e o Govêrno assumiu compromissos no valor de um bilhão e trezentos milhões de cruzeiros, que pesavam sôbre a lavoura. Isto sem contar com os ônus do reajustamento econômico, que se elevou em todo o país a 920 milhões de cruzeiros, cabendo a São Paulo quase meio bilhão, ou seja 53,38% do total geral. Da mesma forma, no financiamento da Carteira Agrícola e Industrial do Banco

do Brasil, a vossa quota aparece considerável. Num total de 2 bilhões de cruzeiros, correspondem a São Paulo 818 milhões — a alta percentagem de 40,59%. A lavoura ainda contou com o financiamento do algodão, cujo movimento se elevou a 295 milhões, dos quais o vosso Estado recebeu 272 milhões, isto é, 92,50% do total em 1942, e até o mês de novembro de 1943 mais 208 milhões da soma de 233 milhões, equivalente a 89,20% de todo o financiamento nacional. As encomendas militares feitas à indústria paulista orçam por 500 milhões, que somados a outros 500 milhões de obras e instalações atingem a um bilhão de cruzeiros.

Acrescentai a isto o dispêndio administrativo da eletrificação da Sorocabana, da retificação do traçado da E. F. Central do Brasil, da nacionalização do capital da Mogiana, do pôrto de São Sebastião, dos serviços de saúde e assistência, e tereis o quadro, sem minúcias, da ação do Govêrno Federal em São Paulo. E último mas não menor benefício se apura do recente acôrdo de pagamento da dívida externa, em que os velhos empréstimos, que iam onerar o vosso trabalho por meio século, foram reformados em têrmos justos, restabelecendo-se o crédito externo do país e permitindo-nos adquirir no estrangeiro aquilo de que necessitamos para o nosso engrandecimento. Na liquidação dos juros atrasados e nas reduções das remessas anuais, em todos os empréstimos — do Estado, do Instituto do Café e do Banco do Estado — atingirá a economia feita o total de 550 milhões de cruzeiros. Vale acentuar que o recente acôrdo geral para resgate da dívida externa, realizado com elevado descortino pelo Ministro Souza Costa, é uma solução definitiva e não mero ajuste provisório, determinando nos nossos compromissos a vultosa redução de mais de 6 bilhões de cruzeiros e colocando-os realmente ao alcance da nossa capacidade

normal de pagamento. O maior proveito da operação consiste, porém, na possibilidade de realizarmos o plano de industrialização progressiva do país, no imediato após-guerra.

O dia da vitória está cada vez mais perto. As Nações Aliadas cumprem admiráveis tarefas, batendo os adversários em tôdas as frentes. É precisamente para essa fase de readaptação econômica que nos devemos preparar. As condições de progresso em que se encontra o país darão oportunidade excelente para o emprêgo de capitais estrangeiros, que devemos acolher com simpatia, oferecendo-lhes esfera própria de ação e lucros remuneradores, sem permitir, entretanto, que se transformem em árbitros da economia nacional sob a forma de *cartéis* ou *dumpings*. A salvaguarda das indústrias nacionais deve ser a nossa divisa no futuro e para alcançá-la incumbe ao Estado assegurar-lhes proteção e amparo e aos industriais cuidar do aperfeiçoamento técnico da produção, barateando-lhe o custo, melhorando-a em qualidade e estabelecendo padrões capazes de manter os mercados adquiridos.

Não é segrêdo que o nosso parque industrial, por antiquado e sobretrabalhado, deixará, em curto prazo, de produzir econômicamente. A previdência manda que nos resguardemos, fazendo reservas substanciais para a sua remodelação. Creio chegado o momento de cogitarmos da organização especializada de um banco de reconstrução industrial, para o qual concorram, na medida dos seus lucros, todos os interessados. Em lugar de desviar fundos da indústria para outras inversões, esta seria, parece-me, a melhor aplicação das disponibilidades apuradas no período excepcional que atravessamos. Em oportunidade idêntica, neste mesmo ambiente, já vos falei da necessidade de renovar a nossa maquinaria. Hoje quero

fazer-vos nesse sentido novo apêlo, que estou certo ressoará como palavra de estímulo e prudência. Evitemos que o futuro nos encontre com aparelhagem insuficiente e gasta porque isso fatalmente provocaria outra crise como a do decênio passado.

O êxito de tantos empreendimentos e o progresso atual de São Paulo não devem ser considerados frutos ocasionais de circunstâncias favoráveis, dádiva milagrosa do tempo. Resulta de uma convergência de esforços continuados e de fatôres fàcilmente apreciáveis. O espírito realizador dos homens de negócio, a colaboração ordeira e fecunda do operariado e o amparo governamental, evidenciado nas vultosas cifras já referidas, haviam de inevitàvelmente produzir tão admiráveis resultados. Registramos o acontecimento para reconhecer a conveniência de estreitar cada vez mais a cooperação entre o poder público e as classes produtoras, que precisam orientar-se num sentido construtivo, para através dos seus órgãos participarem da vida política da Nação e se libertarem definitivamente da influência facciosa dos corrilhos partidários. O Govêrno, que espontâneamente veio ao encontro das justas aspirações dos homens de trabalho, dando-lhes uma legislação social que pode servir de exemplo a outros povos, concita-os a se organizarem, constituindo uma fôrça poderosa e pacífica de opinião apta a decidir sôbre os rumos da vida nacional.

Contra tantos argumentos de fato — contabilizados, concretos, palpáveis — não valem atoardas, nada significam o vozear confuso e as objurgatórias cheias de contradições do negativismo demagógico. São Paulo vem dando ao país o exemplo de quanto pode o trabalho, a energia criadora, a coragem de empreender. O que a política eleitoral de conchavos e arranjos não permitiu aos numerosos chefes do Govêrno da República, saídos de São

Paulo, embora capazes e bem intencionados, fizessem pelo seu Estado, com isenção e destemor pôde realizá-lo outro brasileiro colocado acima das paixões regionalistas e das mesquinhas competições provincianas.

É oportuno apontar à vigilância do povo paulista, inteligente, realista e compreensivo, a existência no seu meio e provàvelmente noutras regiões do país de elementos perturbadores, empenhados em sabotar o nosso esfôrço bélico. Abusando da liberdade de que gozam, mesmo sob as leis da guerra, procuram espalhar a desconfiança, criar dissídios e intranqüilizar as populações laboriosas. Essa campanha derrotista é feita contra a administração, visando desprestigiar as personalidades que servem dedicadamente à Nação e atinge até as gloriosas fôrças armadas, no propósito de obstar a preparação do Corpo Expedicionário. Ninguém deve iludir-se quanto ao caráter quintacolunista de tais maquinações, que envolvem uma reduzida minoria de maus brasileiros — pessoas bem instaladas na vida e que se aproveitam largamente de situações excepcionais. Por sorte, em contraste com essa atitude *impatriótica*, os *simples trabalhadores* e operários, que não gozam sequer do confôrto que merecem, fazem o quanto podem para auxiliar o esfôrço do Brasil e dos seus aliados, produzindo materiais e transportando-os às usinas e às frentes de combate. Não fôssem êste exemplo tão digno de louvor e a cooperação decidida dos verdadeiros produtores, dos que trabalham e criam, talvez tivéssemos de lamentar o desprestígio do país no exterior. Reconforta ver como a Federação das Indústrias e o operariado paulista, acudindo às necessidades, organizam em colaboração com o Govêrno, através do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, o ensino profissional, que há de fazer, dos filhos dos trabalhadores, obreiros competentes e de alto rendimento.

A POLÍTICA ECONÔMICA DO GOVÊRNO

A renovação decorrente do movimento revolucionário de 1930 liquidou, de vez, as formas de oligarquia que cindiam o Brasil ameaçando-lhe a integridade. A nossa diretriz governamental tem sido uma luta permanente pelo que é fundamental para a Pátria: a unidade moral e a unidade econômica. Quaisquer que sejam os combates a travar, os obstáculos a transpor, os recalcitrantes a convencer, nada nos entibiará o ânimo. Nem ameaças, nem motins, nem agitações estéreis modificarão a serena decisão do Govêrno empenhado em atingir o supremo objetivo do reforçamento da unidade nacional. E para isso sei que posso contar convosco, gente paulista, descendente dos pioneiros dessa unidade — os heróicos bandeirantes, que dilataram os meridianos e se sentiram brasileiros em todos os paralelos. A vossa predestinação de homens do planalto é iniludível. Olhais do tôpo das serranias o Brasil total e podeis abandonar-vos à correnteza dos vossos rios que levam para o Sul, para o Norte, para o Oeste. Tendes a "vocação da unidade" como imperativo geográfico e determinação da própria história.

SENHORES

Acompanhar a vossa marcha rápida no caminho do progresso, apreciar a vossa evolução técnica é um espetáculo confortador para qualquer brasileiro patriota.

Agradeço as vossas homenagens e concito-vos a prosseguir nas realizações fecundas que atestam a prosperidade atual de São Paulo, apertando cada vez mais os vínculos de coesão e unidade para fazermos do Brasil uma grande e poderosa Nação.